

REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES DE FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO NA ALDEIA TRÊS JACUS, EM SAPEZAL – MATO GROSSO

Áurea Cavalcante Santana¹
Alex Feitosa Oliveira²

RESUMO

Temos como objetivo, neste artigo, apresentar reflexões sobre algumas ações de fortalecimento linguístico na comunidade Wakalitesu, aldeia Três Jacus da Terra Indígena Terecatinga, território situado em Sapezal – MT. As ações relatadas foram desenvolvidas pelos integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas – GEDDELI, vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso. Como embasamento teórico-metodológico, consideramos os estudos acerca do fortalecimento linguístico em comunidades indígenas brasileiras, como Santana (2012) e Pimentel da Silva (2017). Para a confecção deste texto, trazemos algumas informações sobre a formação do Grupo de Pesquisa e, também, pontuamos aspectos relevantes da realidade sociolinguística da aldeia Três Jacus e, nesse sentido, destacamos a coexistência das línguas: Wakalitesu, Halotesu, Negarotê, Mamaindê, Paresi e Português na comunidade. Baseados na perspectiva de que as ações de fortalecimento linguístico subsidiam a pesquisa e vice-versa, apresentamos a nossa metodologia de trabalho e refletimos sobre os seus desdobramentos.

Palavras-chave: fortalecimento linguístico, metodologia de trabalho linguístico, pesquisa.

1 Introdução

Este artigo parte de ações coletivas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa: Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas (GEDDELI), vinculado ao

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (UFMT).

² Doutorando e Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT). Professor da Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT). E-mail: alexfeitosa.uf@gmail.com.

Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT). O nosso principal projeto está intitulado como: “*Estudos de Línguas Nambikwara: Múltiplas Convivências na Aldeia Três Jacus*”. Nesse sentido, temos como objetivo integrar as nossas diferentes pesquisas com a formação linguística dos professores indígenas e demais pessoas da comunidade investigada.

A criação do GEDDELI foi idealizada pela Dra. Áurea Cavalcante Santana, vinculada à UFMT (Cuiabá - MT) e, também, pelo Dr. Maxwell Miranda, vinculado à UFMT (Barra do Garças - MT). A justificativa para a sua criação é resultado de uma importante lacuna relacionada aos estudos das línguas e culturas dos povos indígenas de Mato Grosso.

Entre outras questões, é importante considerar que a situação sociolinguística vivenciada nas comunidades indígenas de Mato Grosso é complexa: alguns grupos se comunicam apenas em sua língua étnica, enquanto há um número crescente de comunidades monolíngues em português, como no caso dos Arara, Umutina, Guató e Chiquitano (SANTANA, 2010).

Para que esse quadro de extinção das línguas possa ser revertido, são necessários estudos mais consistentes e implantação de políticas de valorização linguística, principalmente as ações voltadas para o respeito à diversidade cultural dos povos (PIMENTEL DA SILVA, 2009).

Como recorte para este trabalho, apresentamos um retrato da realidade sociolinguística da aldeia Três Jacus e, nesse sentido, trazemos à tona os seguintes aspectos: convivência linguística plural da comunidade e, também, algumas considerações sobre o contexto escolar formal. Em seguida, abordamos questões pontuais sobre metodologias de trabalho adotadas por Santana (2012) e Pimentel da Silva (2017), nas quais as autoras propõem aliar as pesquisas de natureza linguística à formação de professores e, nesse sentido, promover o fortalecimento das línguas indígenas em comunidades investigadas. Por fim, refletimos sobre algumas ações realizadas na aldeia Três Jacus, os Seminários Temáticos e as Oficinas Pedagógicas, que subsidiam a nossa pesquisa e vice-versa.

2 A realidade sociolinguística da aldeia Três Jacus

A aldeia Três Jacus, localizada na Terra Indígena (TI) Tirecatinga, no município de Sapezal – MT é habitada majoritariamente por indígenas Wakalitesu, pertencentes à família Nambikwara³. Em 2018, de acordo com um levantamento feito por nós, a aldeia Três Jacus contava com cerca de 90 habitantes.

Como já afirmamos, apesar de os moradores da aldeia Três Jacus serem, na maioria, Wakalitesu, vivenciam múltiplos contextos linguísticos e identitários, dado à convivência, dentro daquela comunidade, de diversos grupos étnicos tanto da própria família Nambikwara, como os Halotesu, Mamaindê e Negarotê, quanto de outros grupos indígenas não aparentados linguisticamente, como Manoki (língua isolada) e Paresi (língua da família Aruak). Os professores da aldeia Três Jacus mencionam que a língua Wakalitesu tem bastante similaridade com a língua Halotesu e menos similaridades com as línguas Mamaindê e Negarotê, e reforçam que “são todos Nambikwara”, mas as línguas são diferentes. Nesse contexto, considerando a quantidade de línguas conviventes na comunidade, passamos a interpretar essa realidade como um “plurilinguismo de convivência” (OLIVEIRA, 2018).

Mesmo com essa configuração étnica e linguística plural, a maioria dos moradores da comunidade faz questão de se autoafirmar como Wakalitesu. Esta necessidade dos moradores da aldeia Três Jacus se reconhecer como povo distinto, como “Wakalitesu” pode ser compreendida pelo fato de a comunidade e suas respectivas lideranças serem de maioria Wakalitesu e, também, pelo fato de habitarem tradicionalmente o território hoje conhecido como TI Tirecatinga. Com isso, percebe-se que esta postura coaduna com o intento de demarcar território, de reforçar a autonomia política e cultural, reivindicando, inclusive, uma ortografia própria para a escrita da língua Wakalitesu (OLIVEIRA, 2018).

A língua Wakalitesu pertence ao ramo Nambikwara do Sul⁴ e a situação sociolinguística, vivenciada, na atualidade, pelos habitantes da aldeia Três Jacus, é

³ Os grupos pertencentes à etnia Nambikwara vivem, atualmente, em uma área de fronteira interestadual ao Noroeste do estado de Mato Grosso e ao Sul do estado de Rondônia. Habitam, em terras descontínuas, três ecossistemas da região – Serra do Norte, Chapada dos Parecis e Vale do Guaporé, distribuídos em treze Terras Indígenas (OLIVEIRA, 2018).

⁴ De acordo com a apresentação de Souza Netto (2018), baseado em Telles (2002) e Eberhard (2009), as línguas Nambikwara estão divididas da seguinte forma: SABANÊ, NAMBIKWARA DO NORTE (Lakondê, Latundê, Sowaintê, Tawandê, Mamaindê, Negarotê e Tawendê) e NAMBIKWARA DO SUL (Hukuntesu, Nensu, Niyahlosu, Siwaisu, Halotesu, Kithãulhu, Sawentesu, Wakalitesu, Alãntesu, Manairisu, Waikisu e Sararé).

bastante preocupante. Apesar de o povo manter muitos costumes tradicionais, a transmissão da língua Wakalitesu e a interação nesta língua dentro da comunidade estão restritas a algumas poucas famílias. Em estudo sociolinguístico realizado na aldeia, Oliveira (2018) declara que no dia a dia da aldeia o português está cada vez mais presente na interação dos jovens e adultos de meia idade.

Sendo assim, como comum em outras comunidades indígenas, apontamos na comunidade Três Jacus o fenômeno de deslocamento linguístico⁵ provocado pela língua portuguesa, principalmente entre os residentes da geração mais jovem. Essa parcela de indivíduos atribui o uso mais corrente do português por conta da facilidade de entrar em contato com pessoas pertencentes a outras culturas, como em situações corriqueiras das idas para a lida nas fazendas e para as cidades, como Sapezal e Campo Novo dos Parecis, seja para trabalhar, estudar, seja para passear na cidade, ou mesmo, pela comunicação com índios de etnias diferentes. A língua portuguesa passou a funcionar, na verdade, como uma língua de sobrevivência dos residentes da aldeia Três Jacus desde a geração dos mais velhos⁶ (OLIVEIRA, 2018).

Em meio a essa realidade linguística plural, vivenciada na comunidade, os residentes decidiram, a partir de critérios próprios e de política linguística, optar pelo ensino-aprendizagem da língua Wakalitesu no contexto escolar formal. Dessa forma, adotaram uma política mais unificada⁷ e de resistência linguística em torno da manutenção da língua Wakalitesu e, assim, independente da origem étnica de um estudante da aldeia Três Jacus, ele passa a aprender a língua Wakalitesu na escola.

Essa política linguística, adotada no ambiente escolar há alguns anos, provocou algumas necessidades imediatas, como podemos observar no Plano de Gestão da TI Tircatinga (OPAN, 2015, p. 93):

⁵ Segundo Calvet (2007), o Deslocamento Linguístico ocorre quando uma língua vai sendo substituída por outra. Nesse sentido, o português tem assumido vários espaços especializados de uso na aldeia Três Jacus promovendo, assim, o deslocamento das línguas indígenas.

⁶ O primeiro contato significativo com a sociedade neobrasileira ocorreu junto à Comissão Rondon (1907), comandada pelo Marechal Cândido Rondon e, em seguida, com os seringueiros, em 1940, no território Nambikwara. Outro momento de grande impacto foi o estabelecimento de Missões Religiosas (1945) nas proximidades da aldeia Três Jacus e, mais recentemente, a partir de 1970, o convívio com os fazendeiros (OLIVEIRA, 2018).

⁷ Como já apontamos, a maioria dos residentes da aldeia Três Jacus se autodenominam como Wakalitesu.

- Amadurecimento de uma política linguística e escrita para alfabetização bilíngue.
- Capacitação de professores.
- Pesquisas sobre as línguas indígenas, ensino de grafia na língua materna e produção de materiais didáticos.

A escola surge, então, como um possível ambiente propagador de atitudes de valorização das línguas indígenas. Santana (2012) expõe que, munidos de atitudes positivas, os indígenas podem vivenciar a reafirmação de suas identidades. Assim, esse espaço pode ser considerado importante para a retomada de tradições, propiciando, inclusive, o resgate de memórias linguísticas e culturais já adormecidas. Atualmente, entre os residentes da aldeia Três Jacus há uma preocupação latente em relação à vitalidade das línguas indígenas conviventes, um sentimento de perda e busca de novas possibilidades de manutenção linguística.

Com base nesse retrato sociolinguístico apresentado, faremos algumas considerações sobre a metodologia de trabalho que vem sendo construída junto à comunidade e, em seguida, apresentaremos reflexões sobre algumas ações desenvolvidas.

3 Metodologia de trabalho linguístico

A proposta do nosso trabalho colaborativo é aliar diferentes pesquisas de natureza linguística à formação linguística de professores, incentivando o fortalecimento das línguas indígenas e, ao mesmo tempo, envolver e dar um retorno das atividades de pesquisa para a comunidade. Como embasamento teórico-metodológico, ancoramo-nos em linguistas que tratam dessas ações de fortalecimento das línguas indígenas, como Santana (2012) e Pimentel da Silva (2017).

Nesse sentido, recorreremos à necessidade de propostas libertadoras, se opondo à colonialidade do saber e, ao mesmo tempo, a do poder. Levando em consideração o desaparecimento de muitos saberes indígenas que, lamentavelmente, fazem parte da história de nosso país, esse tipo de postura é urgente e reparador. Assim, nossas ações são construídas a partir de diferentes estratégias metodológicas que visam o fortalecimento das línguas indígenas e, ao mesmo tempo, o protagonismo indígena.

Para Pimentel da Silva (2017), é necessário que esse tipo de trabalho, como o que desenvolvemos, seja apoiado na pedagogia de retomada: “[...] a abordagem da pedagogia de retomada percorre diferentes trilhas. Abarca em seu percurso debates críticos sobre a superação da reprodução de saberes, e da passividade pedagógica” (PIMENTEL DA SILVA, 2017, p. 210).

Partimos da ideia de que qualquer projeto leve em consideração que a manutenção, o fortalecimento ou a revitalização linguística nas comunidades indígenas surja a partir do desejo dos próprios indígenas. Nesse sentido, para que resultados positivos sejam atingidos, é essencial que haja uma retomada de seus bens culturais, que foram silenciados em muitos episódios, subalternizados e, algumas vezes, apagados (PIMENTEL DA SILVA, 2017).

Nessa mesma trilha, Santana (2012) trata da necessidade do desenvolvimento de estudos linguístico-descritivos e, de modo concomitante, da adoção de outras estratégias de pesquisa, tais como a socialização desses estudos com a comunidade, como parte do processo de incentivo para a manutenção e o fortalecimento linguístico. Sobre a sua experiência de trabalho junto aos Chiquitano de Mato Grosso, a autora revela: “[...] os desejos dos professores e da comunidade Chiquitano se juntaram ao meu interesse, como pesquisadora, em transpor os limites da pesquisa acadêmica, com propostas de fomentar e subsidiar ações e políticas de revitalização da língua” (SANTANA, 2012, p. 195).

Santana (2012) avança, ao sugerir que a construção de metodologias contextualizadas de trabalho linguístico seja realizada junto aos professores indígenas, e indica ser importante a elaboração de atividades de escrita na língua materna, a troca de experiências com os anciões, o contato com as histórias do povo, os mitos, os cantos, enfim, estratégias relacionadas ao patrimônio cultural ancestral.

Nesse sentido, é imprescindível, em sua opinião, oportunizar propostas lúdicas e interativas para os professores e alunos, permitindo a motivação e a apropriação da língua-alvo entre os envolvidos.

Assim, vislumbramos que uma das formas para que este fortalecimento das línguas minorizadas aconteça é exatamente através de propostas interculturais, como as apontadas. Pimentel da Silva (2017) aponta que um dos caminhos a ser seguido parte da sensibilização através do ‘Tema Contextual’, na qual a hierarquia das disciplinas é

desfeita e, principalmente, a desconstrução da colonialidade do saber. A linguista argumenta que o conhecimento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolvem; nesse sentido, há uma epistemologia da diversidade, como expõe: “Quando os temas são de pertencimento cultural, promovem diálogo entre as vozes presentes, que resgatam, amigavelmente, as ausentes, vitalizando, assim, os saberes milenares nesse movimento pedagógico” (PIMENTEL DA SILVA, 2017, p. 218).

Essas estratégias metodológicas servem de apoio para o trabalho que desenvolvemos na aldeia Três Jacus. Sendo assim, para além do desenvolvimento de estudos linguístico-descritivos, estão os Seminários Temáticos e as Oficinas Pedagógicas realizadas na aldeia que, a nosso ver, funcionam como elos colaborativos entre os pesquisadores, os professores indígenas e os demais residentes da comunidade e, também, provocam valiosos momentos para a reorganização dos estudos, reflexões e aprendizados para todos os envolvidos.

4 Reflexões sobre ações realizadas

É preciso esclarecer que o nosso primeiro contato com os indígenas da aldeia Três Jacus ocorreu em 2016. Naquela oportunidade, estivemos na comunidade para conversar com os residentes e apresentar um projeto inicial de pesquisa. Munidos dos anseios relatados por alguns membros da comunidade e com o apoio da Secretaria de Educação Municipal de Sapezal, demos início ao nosso trabalho colaborativo.

Tomamos como exemplo metodológico, para a apresentação neste artigo, algumas ações dos Seminários Temáticos desenvolvidas nos anos de 2016 e 2018. O intuito é de exemplificar a nossa continuidade de trabalho e, ao mesmo tempo, apresentar alguns resultados de pesquisa.

I Seminário de Estudos Linguísticos: vivências e experiências com a língua Wakalitesu

O primeiro Seminário Temático⁸ contou com a presença de um grupo bastante diversificado de idosos, jovens, adolescentes e crianças. Foi possível perceber a presença de muitas lideranças dispostas a contribuir com as discussões.

Para esse primeiro Seminário, selecionamos alguns temas: Princípios Básicos da Linguística; Princípios da Gramática Universal; Noções de variação linguística e neologismos; Reflexões sobre o ensino de línguas; Comentários sobre a escrita e ortografia das línguas indígenas e Sons da língua Wakalitesu.

Baseados nesses elementos norteadores, as nossas discussões foram iniciadas comentando a diferença entre som, fonema e grafema e, ao mesmo tempo, apresentamos as suas implicações na ortografia de uma língua. Após esse momento, o grupo de indígenas passou a fazer algumas comparações entre a língua Wakalitesu e o português, que foi sistematizada no quadro.

As explicações fornecidas motivaram as atividades de registro dos sons da língua Wakalitesu que foram, posteriormente, problematizados por conta de seus grafemas. A partir desse primeiro contato com a língua Wakalitesu, o grupo de residentes da aldeia já evidenciou o interesse por discussões ortográficas. Apesar de algumas línguas dos Nambikwara do Sul já terem uma ortografia em uso, os professores Wakalitesu têm muitas dificuldades em utilizá-la, bem como ensiná-la. Por serem línguas consideradas tonais⁹, a ortografia existente marca os tons em cada sílaba pelos números de índice superior, por exemplo: *ya¹na³la²ta³su¹* - ‘onça’. Para a maioria dos falantes da língua na comunidade é muito difícil escrever com esses “números nas palavras” e, ainda, que eles não sentem necessidade desta marcação nas palavras. Neste sentido, Santana, Yalikawaindalossu e Sawentesu (2020) declaram que na língua Wakalitesu, em algumas palavras, o tom parece ser uma marca distintiva, mas que as ocorrências carecem de estudos mais específicos para a definição deste traço distintivo.

⁸ O I Seminário de estudos linguísticos: vivências e experiências com a língua Wakalitesu ocorreu na aldeia Três Jacus na TI Tirecatinga, município de Sapezal - MT durante os dias 16 e 17 de dezembro de 2016, com carga horária de 20 horas.

⁹ Kroeker (2003) menciona três tons fonêmicos para as línguas Nambikwara do ramo sul, marcados em cada sílaba. O autor, em sua *Gramática Descritiva da Língua Nambikwara* (KROEKER, 2003, p. 105), marca os tons na “ortografia prática” pelos números de índice superior: [1], [2] e [3], postulando que os números “indicam, respectivamente, tom decrescente, ascendente e grave e que funcionam independentemente da nasalização e da laringalização”.

Mais adiante, ao tratarmos da relação entre língua e linguagem, o senhor Paulo Nambikwara pôde expor o modo como seu povo concebe a ideia da criação, ou seja, o mito de criação do povo Nambikwara. Após a sua fala repleta de detalhes, os indígenas passaram a teorizar sobre algumas características da língua Wakalitesu que não são encontradas no português, como seu sistema tonal, por exemplo.

Depois desse primeiro encontro, percebemos que o fato de o senhor Paulo Nambikwara ter contado o mito de criação dos Nambikwara, foi essencial para ativar diversos conhecimentos que foram imediatamente compartilhados e discutidos.

Essa nossa primeira experiência com a comunidade, certamente, direcionou as nossas estratégias futuras. Dessa forma, paralelamente, iniciamos a construção do inventário lexical da língua do povo Wakalitesu, com a intenção de poder mapear informações linguísticas importantes, tais como: aspectos fonético-fonológicos, aspectos morfológicos, entre outros. Além disso, percebemos o interesse da comunidade em abordar a temática da ortografia e a necessidade de construir materiais específicos para ensino-aprendizagem da língua Wakalitesu.

Logo depois dessa primeira ação na aldeia, passamos então ao processo de estudos dos dados obtidos e, em seguida, ao planejamento do segundo Seminário Temático, com o intuito de contemplar, ainda que parcialmente, as necessidades pontuais relatadas.

II Seminário de Estudos Linguísticos: ortografia e jogos didáticos com a língua Wakalitesu

No início do ano de 2018 promovemos o segundo Seminário Temático¹⁰ e, também, contamos a presença de idosos, jovens, adolescentes e crianças. Esse encontro contou com alguns elementos norteadores: discussões sobre ortografia, reflexões sobre a elaboração de materiais didáticos e oficina de produção de jogos para o ensino da língua.

Com base nas discussões anteriores, apresentamos um alfabeto fonético e ortográfico preliminar na língua Wakalitesu para a comunidade:

Tabela 1 – Alfabeto fonético e ortográfico preliminar da língua Wakalitesu

¹⁰ O II Seminário de estudos linguísticos: ortografia e jogos didáticos com a língua Wakalitesu ocorreu na aldeia Três Jacus durante os dias 09, 10 e 11 de março 2018, com carga horária de 20 horas.

| Som | Letra | Wakalitesu | Português |
|-----|--------|------------------|-------------|
| a | a | alasu | jacu |
| Ḃ | Ḃ | Ḃhlu | pequi |
| ã | ã | alãsu | arara |
| Ḃ̃ | Ḃ̃ | Ḃ̃hlu | papagaio |
| b | b | bolanũsu | bolo |
| d | d | duḂkisu | urucum |
| dʒ | dj | idjalosu | homem |
| e | e | wetsu | bacaba |
| ɛ | ɛ | ɛtsu | fumo |
| ẽ | ẽ / en | ẽtsu / entsu | buraco |
| ē | en | dēhru / dēnhru | mosca |
| f | f | fejãukisu | feijão |
| g | g | yanũgisu | cinza |
| h | h | hosu | macuco |
| i | i | witisu | mutum macho |
| Ḃ | Ḃ | kaḂḂsu | lagartixa |
| ĩ | ĩ / in | wĩsu / winsu | batata doce |
| Ḃ̃ | Ḃ̃n | adḂ̃su / adḂ̃nsu | anu |
| ʒ | j | janehlu | janela |
| k | k | kalaĩsu | besouro |
| kw | kw | kwadęsu | cuia |
| l | l | alũsu | anta |

| | | | |
|-----------|-----------------|----------------------|----------------------|
| ɫ | hl | kawāhlu | rio |
| | hr | ɛhru | caju |
| ʌ | lh | kolhekalosu | colher |
| m | m | māgisu | manga |
| n | n | ninĩsu | pernilongo |
| ɲ | nh | inhesã | dizer |
| o | o | hotsu | macaco |
| ɔ | ɔ | alɔatasu | porco espinho |
| p | p | pitsu | abóbora |
| r | r | irakisu | lua |
| s | s | sosu | banana |
| t | t | toɖakālisu | saracura |
| ts | ts | kūtsu | timbó |
| tʃ | tx | txəhla | ele |
| u | u | utsu | irara |
| ɯ | ɯ | ɖɯhlu | cotia |
| ũ | ũ/ un | kūtsu / kuntsu | algodão, pano |
| ũ̃ | ũ̃ / uñ | ũ̃kalisu / uñkalisu | piau três pintas |
| w | w | wakalisu | jacaré |
| j | y / i | yanalatasu; aitsã | onça pintada; sentir |
| v | v | vestxidakalosu | vestido |
| ʃ | x | xavesu | chave |
| z | z | tezouhru | tesoura |

Fonte: Alfabeto discutido no *II Seminário de Estudos Linguísticos* – aldeia Três Jacus (março, 2018).

Contamos com o apoio do professor Natanael Sawentesu para a sua correção e ajustes. Durante esse processo, observamos que o professor recorreu ao senhor Lídio Nambikwara, um ancião da aldeia, para encontrar palavras que melhor pudessem ilustrar os exemplos dos sons da língua Wakalitesu. Em outros momentos, observamos que esse tipo de comportamento é recorrente e, dessa forma, é possível presumir o papel fundamental dos anciões no processo de aquisição da língua Wakalitesu na aldeia.

A representação ortográfica de alguns sons suscitou algumas dúvidas, entre elas, destacamos a representação das vogais nasais e a representação ortográfica da glotal [ʔ], sobre o qual não se chegou a um consenso sobre o status de fonema deste som. Destacamos ainda que algumas letras do alfabeto: b, f, j, lh, m, v, x, z são encontradas apenas em neologismos advindos do português.

Em outro momento do encontro, passamos ao mapeamento dos materiais na língua Wakalitesu disponíveis na escola. Com a ajuda dos residentes, nós registramos os seguintes materiais:

- *Apostila das palavras em língua portuguesa e da língua Nambikwara* – O material em questão foi criado em 2004 pelas professoras indígenas Leontina e Terezinha. De acordo com os professores, a Secretaria de Educação teve o cuidado de realizar uma revisão e impressão para o seu uso em sala de aula.
- *Nossa língua Nambikwara (cartilha)* – A cartilha elaborada por Jaime Nambikwara é o material encontrado mais recente, data de 2007. Os professores da aldeia apontaram que há algumas dificuldades das crianças para a utilização desta cartilha, principalmente porque as palavras estão registradas com números (entre as sílabas) representando os sons. Diante de tais dificuldades, passaram a refletir sobre a necessidade de revisão em seus materiais escritos.

Após este levantamento, apresentamos algumas propostas lúdicas possíveis para trabalhar o vocabulário da língua Wakalitesu. Com a ajuda dos professores, nós confeccionamos três modelos de materiais:

(1) Dominó (figuras e suas representações gráficas): No dominó, os participantes precisam juntar as figuras de animais com os nomes escritos na língua Wakalitesu. Este tipo de dominó também pode funcionar como jogo de memória, envolvendo atividades de associação dos aspectos oral e escrito da língua.

Figura 1 – Dominó



Foto: Jennifer Pisso (09/03/2018).

(2) Dado linguístico: O jogo de dados consiste em um dado com um sufixo escrito em cada um dos lados e o jogador deve formar palavras com os sufixos indicados no lado que ficar para cima. Essa atividade lúdica incentiva os aprendizes a pesquisar e memorizar os nomes na língua que está aprendendo.

Figura 2 – Dado linguístico



Foto: Áurea Santana (09/03/2018).

(3) A palavra é... (sílabas destacáveis): Neste jogo, um tabuleiro é apresentado com figuras e sílabas soltas para formar o nome das figuras apresentadas.

Figura 3 – A palavra é...



Foto: Áurea Santana (09/03/2018).

A última etapa do encontro foi marcada por duas perspectivas, de um lado uma equipe coletava dados para dar continuidade ao levantamento lexical da língua indígena junto aos colaboradores Natanael Sawentesu, Águida Nambikwara e João Nambikwara.

Em outro espaço, outra equipe recebia outros indígenas interessados em conhecer os jogos elaborados no dia anterior. Desse modo, os mais jovens puderam, junto aos seus pais, traçar os resultados dos jogos propostos e construídos por seus pares.

Ao final, pedimos que os indígenas comentassem de que modo tais jogos poderiam ser inseridos nas práticas pedagógicas. Eles confessaram que são materiais interessantes para as crianças, já que elas podem adquirir vocabulário e, ao mesmo tempo, fixar a sua escrita sem grandes dificuldades.

Em torno das discussões, os participantes se mostraram entusiasmados com a possibilidade da construção de novos materiais e, desse modo, reforçaram a importância de sua confecção. Como registrado em diário de campo: “[...] chegou com uma sobrinha e seu filho. Jennifer e eu mostramos os materiais que tínhamos construído com os professores para eles e foi muito curioso acompanhar o movimento dos jogos. A mãe olhou para as crianças e disse: Esses jogos aqui são pra vocês aprenderem mais a língua” (Diário de Campo, 2018, p. 13).

5 Considerações

Evidenciamos, neste artigo, alguns resultados sobre as atividades colaborativas desenvolvidas entre os integrantes do Grupo de Estudos GEDDELI e os residentes da aldeia Três Jacus. Nesse sentido, justificamos a criação do Grupo de Pesquisa no contexto da diversidade linguística presente no estado de Mato Grosso.

Com o intuito de apresentar um retrato sociolinguístico da aldeia Três Jacus, comentamos a situação das línguas conviventes, o processo de deslocamento linguístico provocado pelo português e, por fim, realizamos alguns apontamentos sobre o contexto escolar formal onde a comunidade decidiu fortalecer a língua Wakalitesu através de uma política linguística dos próprios residentes.

Em outro momento, traçamos considerações teóricas sobre a metodologia de trabalho linguístico que está em construção ao longo dos últimos cinco anos de parceria. Dessa forma, a nossa pretensão é a de criar um elo entre os estudos descritivos necessários e, também, a socialização desses achados através de práticas de formação dentro da comunidade.

Ao final de nosso trabalho, relatamos algumas ações realizadas nos Seminários Temáticos propostos nos anos de 2016 e 2018. A nossa intenção é a de privilegiar, principalmente, os momentos de protagonismo dos indígenas em torno dos trabalhos desenvolvidos. Para além, serve como um exercício reflexivo em torno dos resultados obtidos.

Referências

BUSATTO, Ivar Luiz Vendruscolo. *Os Nambikwara da Terra Indígena Tirecatunga – Mato Grosso: Agricultura, Espécies e Variedades Tradicionais*. Dissertação (Mestrado em Agricultura Tropical) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, 2003.

CALVET, Louis-Jean. *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial; Ipol, 2007.

KROEKER, Menno. *Gramática Descritiva da Língua Nambikuara*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2003.

OLIVEIRA, Alex Feitosa. *Línguas conviventes: aspectos sociolinguísticos na aldeia Três Jacus – comunidade Wakalitesu/Nambikwara*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Cuiabá, 2018.

OPAN. Operação Amazônia Nativa. (Org.). *Plano de gestão da Terra Indígena Tirecatunga – Sapezal, Mato Grosso*. Cuiabá: OPAN, 2015.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. A Pedagogia da Retomada: decolonização de saberes. *Rev. Articulando e construindo Saberes*, v. 2, n. 1, p. 204-216, 2017.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. *Reflexões sociolinguísticas sobre línguas indígenas ameaçadas*. Goiânia: Ed. UCG, 2009.

SANTANA, Áurea Cavalcante. *A linguística como disciplina nos cursos de formação de professores indígenas - uma experiência no projeto hayô – magistério intercultural*. Cuiabá: UFMT, 2010. Disponível em: <http://need.unemat.br/4_forum/artigos/aurea.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

SANTANA, Áurea Cavalcante. *Línguas cruzadas, histórias que se mesclam: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás - UFG, 2012.

SANTANA, Áurea Cavalcante; YALIKAWAINDALOSSU NAMBIKWARA, Vanessa S.; SAWENTESU NAMBIKUARA, Natanael. Observações fonéticas e fonológicas das vogais na língua Wakalitesu. *Articulando e Construindo Saberes*. UFG/NTESI, v. 5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/racs.v5i.63598>. ISSN eletrônico: 2525-8303. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/racs/issue/view/2155>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SOUZA NETTO, Luiz Antônio de. *Fonologia do Grupo Nambikwára do Campo (Nambikwára do Sul)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2018.

YIP, M. *Tone*. Cambridge, GB: Cambridge University Press, 2002.

REFLEXIONES SOBRE LAS ACCIONES DE FORTALECIMIENTO DEL LENGUAJE EN VILLAGE TRÊS JACUS, EN SAPEZAL - MATO GROSSO

RESUMEN

Como objetivo principal, en este artículo, presentamos reflexiones acerca de algunas acciones de fortalecimiento lingüístico en la comunidad Wakalitesu, aldea Três Jacus, territorio ubicado en la Tierra Indígena Tirecatunga, en Sapezal – MT. Las acciones fueron desarrolladas por los integrantes del Grupo de Investigación Estudios, Descripción y Documentación de Lenguas Indígenas – GEDDELI, vinculado a la Universidad Federal de Mato Grosso. Como bases teóricas y metodológicas, consideramos los estudios acerca del fortalecimiento lingüístico en

comunidades indígenas brasileñas, como Santana (2012) y Pimentel da Silva (2017). Para la confección de este texto, presentamos algunas informaciones sobre la formación del Grupo de Investigación y, también, algunas informaciones importantes acerca de la realidad sociolingüística de la comunidad Três Jacus, apuntamos la convivencia de las lenguas: Wakalitesu, Halotesu, Negarotê, Mamaindê, Paresi y Portugués. Basados en la perspectiva de que las acciones de fortalecimiento lingüístico y la investigación científica necesitan del apoyo mutuo, presentamos nuestra metodología de trabajo y reflexionamos acerca de sus efectos.

Palabras clave: fortalecimiento lingüístico, metodología de trabajo lingüístico, investigación científica.

Recebido em 25/05/2021.

Aprovado em 30/07/2021.